

Moiara, filha da terra

*Camila Tardelli
Thiery Maciel*

Ilustrações Daniel Araujo

SUPLEMENTO DO PROFESSOR

Elaborado por Camila Tardelli



Copyright © Editora do Brasil. Todos os direitos reservados. É proibido venda e alteração parcial ou total deste material.

1. Para começo de conversa

Moiara é uma menina que mora com a mãe, Paola, na cidade de São Paulo. Sua professora propôs à turma um trabalho sobre a história da família. A menina conhecia bastante a história de sua família materna, de origem italiana, e ficou empolgada com o tema. Entretanto, ao longo da pesquisa, enfrenta uma grande crise de identidade ao perceber que é a única pessoa morena da família. Por isso, parte em busca da história do pai, que morrera anos antes, e descobre que ele era de origem indígena. Então, reencontra um tio e conhece a aldeia Mbyá Guarani Tenondé Porã, na cidade de São Paulo. Enquanto Moiara redescobre a si mesma e constrói sua identidade, descobre um mundo novo, um povo que fala outra língua, tem outra religião, outros costumes, outros valores e luta por seus ideais e pela preservação de sua cultura.



O livro abre muitos diálogos possíveis: as origens da família, a formação do Brasil, as questões indígenas, o preconceito, a cidade de São Paulo e os indígenas que vivem nela, a construção da história oficial, a tolerância e o respeito, a construção da própria história de vida etc. São temas densos, mas que podem e devem ser trabalhados com os alunos desde cedo, quando se parte do princípio que educar é inserir a criança no mundo – e em suas problemáticas e delicadezas – e não isolá-la da realidade.

Essa obra pode ser o mote de um trabalho interdisciplinar envolvendo Português, História, Geografia, Arte, Ciências, Matemática e Educação Física.

2. A capa conta uma história

As ilustrações do livro são muito ricas e oferecem aos leitores uma possibilidade de comparação entre os dois mundos pelos quais a personagem principal circula. Esse é um trabalho que envolve as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa.



Editora do Brasil

Copyright © Editora do Brasil. Todos os direitos reservados. É proibido venda e alteração parcial ou total deste material.

Comece explorando a capa com os alunos; peça que observem a ilustração da capa e da quarta capa. O que é representado? Em seguida, solicite que prestem atenção nas cores. O que elas representam? O que pode sugerir essa mistura entre o azul e o marrom? Peça que observem os desenhos na parte inferior do livro: O que eles sugerem? Um bom trabalho com a capa facilitará bastante, posteriormente, a compreensão da história. Oriente-os a observar atentamente a menina retratada. Como ela é fisicamente? Por que estaria feliz? Deixe que os alunos levantem hipóteses.

Um segundo passo é a leitura atenta do título do livro. O que significa ser "filha da terra"? Qual é a relação entre o título e a ilustração da capa? Oriente os alunos a anotar, no caderno, as hipóteses mais aceitas por eles e a análise que fizeram das ilustrações e do título.

Após um trabalho cuidadoso com a capa, inicie a leitura do livro. Ao concluí-la, peça que voltem às anotações feitas no caderno e à observação da ilustração da capa. Há informações que não eram perceptíveis antes, mas que depois apareceram? Quais? O que muda ao analisar a capa após conhecer o conteúdo do livro? Solicite que registrem as novas conclusões no caderno.

É válido, após comparar os registros, propor uma conversa sobre o papel das ilustrações e sobre a importância de ler, além das palavras, as imagens e o mundo a nosso redor.

Faça com eles a análise minuciosa de algumas das ilustrações do livro. Explore as diferenças entre as cores dos dois mundos; destaque as ilustrações das páginas 25 (pai e mãe de Moira na aldeia), 32 e 33 (Moira ouvindo as palavras do *xeramõi*). Enfatize também as ilustrações do último capítulo – "Moira em: o livro da minha vida" –, peça que relatem o que a menina representou com os desenhos e como eles se articulam com o conteúdo do livro.

3. Indígenas?

Antes ou depois da leitura do livro, cabe realizar uma sondagem sobre a imagem de indígena que os alunos têm. Para isso, faça as seguintes perguntas: O que são indígenas? O que é ser indígena? Eles ainda existem? Como vivem? Quais são as diferenças entre um indígena e um não indígena?



Registre na lousa tudo o que disserem. É provável que surjam opiniões contrárias, assim como colocações contraditórias. Após terminar o registro, leiam juntos as anotações e reflitam sobre o que sabem ou pensam saber a respeito dos indígenas do Brasil. Proponha, então, uma pesquisa que responda às questões levantadas.

Indique alguns *sites* e materiais que podem ajudar os alunos nessa tarefa. Sugestões:

- <http://pib.socioambiental.org/pt> (*site sobre todos os povos indígenas do Brasil*)
- <http://videonasaldeias.org.br/2009> (*site com diversos vídeos de cineastas indígenas, incluindo amplo material para crianças e jovens*)
- <http://iecam.org.br/projeto/guarani> (*site em que há, de forma resumida, a história e os costumes dos Guarani, em especial sobre o grupo Mbyá, do qual a aldeia Tenondé Porã faz parte*)
- www.programadeindio.org (*site com acervo de programas de rádio realizados entre 1985 e 1991 pelo Núcleo de Cultura Indígena e com o acervo das "Aldeias Sonoras", série radiofônica em que os povos indígenas apresentam sua voz, história e músicas*)

Se a escola tiver sala de informática, você pode conduzir a pesquisa no horário escolar orientando os alunos a explorar os *sites* indicados. Uma ida à biblioteca da escola buscando livros literários, paradidáticos e didáticos sobre os indígenas também é muito importante.

Quando forem compartilhar a pesquisa, releia para eles as respostas registradas anteriormente. Pergunte-lhes se algo mudou; provavelmente haverá muitas novidades. Peça que leiam as respostas elaboradas nesse segundo momento do trabalho e que compartilhem as descobertas.

Em seguida, produzam, coletivamente, um texto respondendo às questões apresentadas. Depois, solicite que cada aluno faça um desenho narrando o que descobriu; posteriormente, monte um mural com os desenhos e o texto.

Apesar de a pesquisa certamente já ter apontado para a imensa diversidade cultural dos indígenas brasileiros, reforce essa informação mostrando aos alunos que não existe um povo indígena,



mas diversos povos, um diferente do outro. Ilustre essas diferenças apresentando narrativas de diferentes povos indígenas do Brasil (elas podem ser encontradas no último *site* indicado).

Releiam juntos o último capítulo do livro e conversem sobre a posição que Moira toma ao defender os direitos dos povos indígenas. A menina afirma que as culturas indígenas ainda hoje estão sendo destruídas. Isso seria verdade? O que os alunos pensam sobre o assunto? Proponha um debate sobre o tema. Quem está destruindo os povos indígenas? Por quê? Poderíamos fazer algo a respeito? Peça que deem a opinião deles.

Releia o trecho em que Moira diz que as pessoas têm muito preconceito contra os indígenas e os negros (último capítulo do livro). Ajude os alunos a perceber por que ela inclui na mesma lista os dois grupos, aparentemente tão diferentes entre si. Peça, então, que estabeleçam uma comparação entre eles; escreva em um canto da lousa "negros" e em outro "indígenas". No meio escreva o que eles têm em comum. Auxilie-os a notar que os dois grupos foram violentados e massacrados pelos europeus que "descobriram" o Brasil, que ambos ainda hoje lutam por seus direitos e enfrentam preconceitos.

Nesse momento é muito importante sua mediação para evitar que se reproduzam preconceitos. Se surgirem comentários preconceituosos, não os desconstrua imediatamente. Peça que os próprios alunos digam o que pensam sobre eles; é provável que consigam sozinhos, por meio de sua mediação, desconstruí-los.

Espera algum aluno mencionar a palavra "preconceito". Peça então que todos procurem no dicionário o significado dela; leiam os verbetes de diferentes dicionários. Explique-lhes que preconceito é ter um conceito, uma ideia formada antecipadamente, antes de entrar em contato com determinada coisa, pessoa, lugar etc. Pergunte-lhes: Quem mais sofre preconceito em nossa sociedade? Que tipo de preconceito? Ouça o que têm a dizer. Em seguida, releia o trecho do livro mais uma vez. Por que Moira havia ficado



com receio de expor à turma a origem de sua família? Por que, segundo a garota, ninguém fala sobre suas origens indígenas ou africanas? Conversem bastante sobre o assunto; ajude-os a perceber que o preconceito causa sofrimento nas pessoas, que a protagonista do livro sofreu muito com todo o preconceito que enfrentou – incluindo aquele que estava dentro dela.

Em seguida, peça que redijam uma carta à menina Moira apoiando-a e orientando-a a como reagir diante de preconceito. Auxilie os alunos a perceber seu papel social, o quanto é importante se posicionar e lutar contra o preconceito e a discriminação.

É possível fazer também uma pesquisa sobre as palavras de origem indígena. Organize a turma em grupos. Em seguida, solicite uma pesquisa sobre palavras (nomes, comidas, cidades etc.) de origem indígena. Peça que cada grupo crie um diagrama de palavras com os termos encontrados. Recolha os trabalhos, faça as correções necessárias e troque-os entre os grupos, para que possam fazer as atividades criadas pelos colegas e aumentar, brincando, seu conhecimento sobre o vocabulário de origem indígena. Também seria interessante pesquisar costumes indígenas que fazem parte de nossa cultura, como banhar-se diariamente, usar redes, andar descalço etc.

Para finalizar o trabalho, abra uma roda de conversa pedindo a cada aluno que exponha, oralmente, o que aprendeu durante todo o estudo realizado. Por último, solicite que elaborem textos sobre o que aprenderam. Faça coletivamente a revisão dos textos e compartilhe-os com a comunidade escolar, por meio de um *blog* da turma ou de cartazes.

4. Projeto – Memórias de família

Este projeto de escrita da narrativa da família com base em fontes orais é um trabalho de construção da identidade, de percepção de seu papel no mundo, de sua condição de ser histórico e atuante. É ainda um projeto que aproxima as crianças dos idosos da família, estimula a escuta, a compreensão, a delicadeza e a tolerância com as diferenças. Pode envolver todas as disciplinas, dada sua dimensão interdisciplinar.

Comece com uma conversa informal. Pergunte aos alunos se conhecem a história da fami-



lia deles; se sabem como os pais se conheceram, como era a vida deles quando eram crianças, de onde vieram seus ancestrais, quais são os costumes da família etc. Pergunte se já refletiram sobre as semelhanças e as diferenças de sua família em relação a outras famílias que conhecem. Prepare-se para ouvir muitas histórias, pequenos “causos”, narrativas familiares. As crianças sempre têm muito a contar sobre esse assunto.

Seja consciente e cuidadoso ao lidar com esse tema, ajudando os alunos a perceber que existem diversos tipos de família além das de um pai, uma mãe e filhos – há famílias com dois pais ou com duas mães, há famílias com apenas um dos pais, há famílias formadas por netos e avós, e assim por diante. Abra espaço para os alunos compartilharem suas experiências familiares, mas, ao mesmo tempo, respeite aqueles que não se sentem à vontade para falar sobre o tema. Antes de iniciar o projeto, esteja atento às histórias de vida de cada aluno, converse com o(a) coordenador(a) sobre a turma e pense junto com os colegas e gestores em como agir com as crianças que têm uma história mais delicada (crianças adotadas, crianças que não conheceram um dos pais etc.).

Após essa conversa inicial, peça que tragam para a aula seguinte uma fotografia da família da qual gostem muito. Na aula em questão, sentem-se em roda e coloquem todas as imagens no centro. Deixe que os alunos as manipulem para conhecerem melhor a família dos colegas. Em seguida, solicite que falem sobre a fotografia e apresentem os membros do grupo familiar. Separe uma parte grande do período para essa atividade; certamente as crianças terão muitas histórias para contar e não seria bom apressá-las.

Em um terceiro momento, redija com os alunos um projeto de pesquisa da história da família. Organize-o em etapas: planejar as entrevistas, realizá-las, transcrevê-las, reelaborar as respostas de acordo com a língua escrita e, por fim, transformá-las em uma narrativa. Elaborem coletivamente um roteiro de perguntas.

Marque uma data para entregarem a primeira entrevista; nesse momento, compartilhem os resultados. Marque, então, a data da segunda entrevista, e assim por diante. Não deixe de acompanhar o processo, passo a passo.

Façam juntos a transcrição de uma entrevista gravada. Depois, façam a “transcrição”, ou



seja, a transformação do texto com marcas de oralidade em um texto escrito e a reorganização dos fatos narrados, de modo a atribuir-lhes qualidades literárias. O que ajudará muito nesse processo é ter contato com boas narrativas que foram redigidas com base no texto oral. Leia para a turma as narrativas do livro *Memória e sociedade – Lembrança de velhos*, de Ecléa Bosi. A narrativa de seu Ariosto costuma agradar muito às crianças.

Estimule os alunos a encontrar objetos antigos da família, fotografias, documentos – tudo com a autorização dos pais –, assim como a elaborar desenhos; eles servirão para ilustrar o livro.

Assim que as entrevistas e as narrações estiverem finalizadas, ajude-os a elaborar um prefácio para o livro, apresentando-lhes as características desse gênero textual: narrar como foi o processo de elaboração, de onde surgiu a ideia de produzir o livro, o que aprenderam, além de dar uma prévia do que o leitor encontrará. Em seguida, ajude-os a elaborar a dedicatória, os agradecimentos e a quarta capa.

Após a impressão dos livros, preparem cuidadosamente o dia do lançamento. Uma ideia é escolher um repertório de músicas e cantigas que tenha aparecido nas entrevistas e deixá-las tocando para compor o ambiente. Outra ideia seria uma conversa das crianças com os mais velhos, mostrando o que aprenderam com todo o processo. Os alunos que desejarem poderão ainda falar sobre o livro e ler um trecho da obra para o público.

Este é um projeto transformador, tanto para os alunos como para o professor. Ao conhecer com detalhes as histórias da família, você passa a compreender melhor cada aluno e poderá se aproximar deles, ajudando-os a aprender melhor. Este trabalho pode durar um semestre ou o ano inteiro.

5. Formação do Brasil: imigrantes

Após realizar o projeto **Memórias de família** ou enquanto ele é encaminhado, seria interessante abordar um tema bastante central de nossa cultura: a vinda dos imigrantes. Esse é um trabalho interdisciplinar que envolve História, Geografia e Língua Portuguesa.

Partindo da conversa que tiveram ao ler o livro e ao falar sobre as origens da família de cada



um, converse com os alunos sobre a formação do Brasil e aponte os três principais elementos: o europeu, o indígena e o africano. Explique-lhes que circunstâncias históricas do Brasil e de outros lugares do mundo possibilitaram que nosso país recebesse uma imensa leva de imigrantes. Informe que muitas outras nações, como os Estados Unidos e a Argentina, também receberam um grande número de imigrantes no século XX.

Há vários livros, como o *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky, *A menina que descobriu o Brasil*, de Ilka Brunhilde Laurito, e *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai, que podem ajudar nesse processo.

Após essa conversa, peça aos alunos que consultem as respostas dos entrevistados no projeto e listem todas as origens da família.

Na sala de aula, disponibilize a cópia de um grande mapa-múndi e canetinhas coloridas. Peça a cada aluno que trace o trajeto de seus antepassados até chegarem à cidade onde nasceram (ou na qual vivem hoje). Observe com os alunos o que os trajetos têm em comum e, com base nisso, mostre o quanto a história de cada um constrói a história da sociedade. Peça que registrem as ondas migratórias no caderno.

É possível ainda propor um trabalho sobre os imigrantes que estão chegando atualmente ao país: Por que o Brasil tem despertado o interesse de pessoas de diversos países? Por quais diferentes motivos pessoas de outras nacionalidades têm vindo morar aqui? Os alunos podem pesquisar essas informações em revistas e jornais, pois atualmente há muitas notícias e reportagens a esse respeito.

6. Eu e o outro

Ainda com base no projeto de memórias, você pode propor aos alunos que façam um mural sobre diferentes assuntos: religião (e ateísmo, se for o caso); diferenças culinárias; diferenças musicais etc. Com as informações das entrevistas, vocês podem montar diversos murais. Em seguida, você pode conversar com a turma sobre a convivência com a diferença, o respeito e a



tolerância. Apresente aos alunos diferentes conflitos que se iniciaram por causa de diferenças religiosas, por exemplo. Ajude-os a tomar o caminho da paz; a educação para a paz é primordial nos dias de hoje.

O filme *Promessas de um novo mundo* (2001, EUA, direção de B. Z. Goldberg, Carlos Bolado e Justine Shapiro), documentário sobre crianças palestinas e israelenses que aponta as diversas maneiras com que os dois povos encaram os conflitos, pode ajudar nessa conscientização.

Partindo das entrevistas e narrativas, é possível estudar conteúdos de Ciências (saúde, higiene etc.), Educação Física (sedentarismo, brincadeiras, esportes), Geografia (geopolítica, deslocamentos, migrações etc.) e História (costumes antigos, transformações sociais, fatos históricos que afetam a vida dos indivíduos etc.), comparando as respostas dos entrevistados com o que os alunos podem observar nos dias atuais. É interessante também estudar o conceito de família; de onde surgiram, como eram as famílias antes e como são hoje em dia.

Se necessário, volte aos livros produzidos, a fim de celebrar a diversidade, a miscigenação e as culturas brasileiras.

7. Não deixe a peteca cair!

Um aspecto cultural muito importante é a maneira de brincar de um povo, pois a brincadeira é uma maneira de se divertir e se integrar a um grupo. Este é um trabalho interdisciplinar que pode envolver Educação Física, Arte, Geografia e Língua Portuguesa.

Comece perguntando quais brincadeiras os alunos conhecem. Em seguida, conte que em cada aldeia há brincadeiras próprias. Explique-lhes que a peteca e a perna de pau são brincadeiras indígenas e que construir os brinquedos faz parte delas. Proponha então a construção de petecas. Em seguida, leia para eles o pequeno texto a seguir, sobre esse brinquedo, e repasse com todos como funciona a brincadeira. Depois de prontas as petecas e compreendido o jogo, é só brincar! Leve a turma para um local aberto e seguro. Divirtam-se!

Jogo de peteca



Editora do Brasil

Copyright © Editora do Brasil. Todos os direitos reservados. É proibido venda e alteração parcial ou total deste material.

O termo **peteca** é de origem tupi e significa "tapear", "golpear com as mãos". A brincadeira é parecida com a queimada, mas no lugar da bola são usadas seis petecas e apenas duas pessoas competem. Cada jogador começa a partida com três petecas na mão. Ao mesmo tempo em que faz seus arremessos, precisa fugir das petecas lançadas pelo adversário. O jogo só termina quando a pessoa é atingida por uma peteca. Quando isso acontece, o jogador que foi atingido sai, dando a vez para um novo jogador.

Peteca de papel e plástico

Material

- folhas de papel riscadas;
- um saco plástico;
- fita adesiva ou barbante.

Como fazer

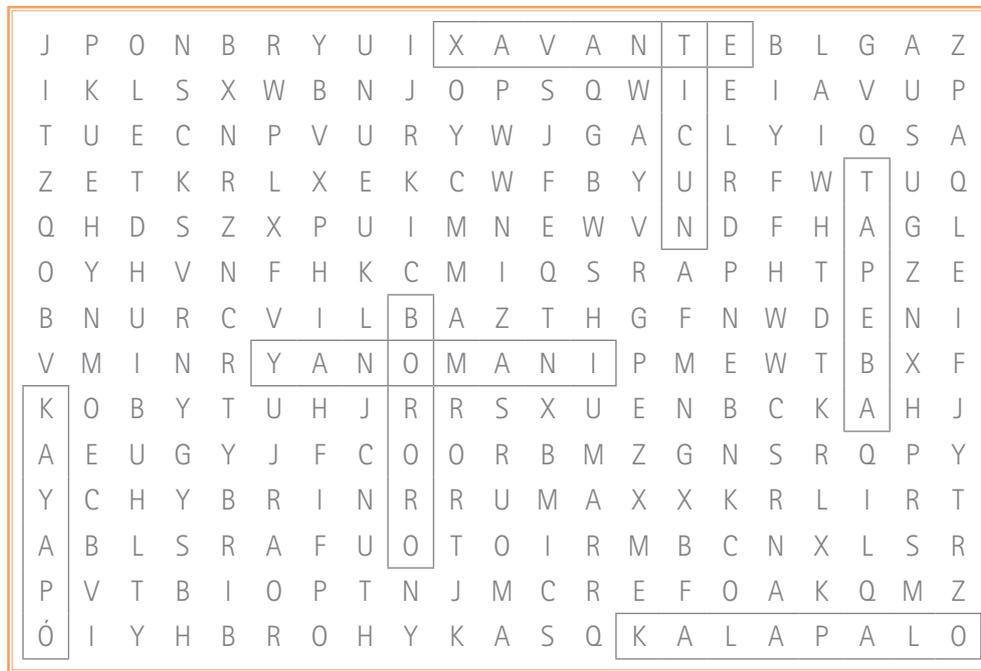
- Encha o saco plástico com as folhas de papel amassadas.
- Amarre a parte de cima do saco em volta de si mesma e prenda-o com fita adesiva, deixando um furo no meio.
- Espete folhas compridas no furo.

Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/construir/204-peteca-de-papel-e-xplastico>>. Acesso em: nov. 2014.

No *site* <<http://pibmirim.socioambiental.org/como-vivem/brincadeiras>> há muitas outras brincadeiras que podem ser realizadas com os alunos.



RESPOSTAS DO SUPLEMENTO DE ATIVIDADES



1. No site <<http://pib.socioambiental.org>> há informações detalhadas sobre todos os povos indígenas do Brasil. Clique sobre o povo que deseja pesquisar. No canto direito há *links* sobre a história, a localização, a língua, a organização social etc. É só clicar sobre a palavra.

Aproveite esta atividade para falar sobre diversidade cultural e estudar a geografia das regiões onde estão localizadas as aldeias.

Ticunas (*tikunas, tukunas, magutas*): vivem no estado do Amazonas, na Colômbia e no Peru. São o mais numeroso povo indígena da Amazônia brasileira. Família linguística: *tikuna*. Suas máscaras cerimoniais são conhecidas internacionalmente.

Xavantes (*akwes, a'uwes*): vivem no estado de Mato Grosso. Família linguística: *jê*. Faz parte de sua cultura separar os meninos de 7 a 10 anos do restante da aldeia; eles vivem na "Casa dos solteiros", onde são preparados por um grupo de homens mais velhos para a vida adulta.

Yanomani (*yanoamas, yanomanis, ianomâmis*): vivem nos estados de Roraima e Amazonas, e também na Venezuela. Família linguística: *yanomani*. Geralmente vivem em casas plurifamiliares. Cada casa coletiva ou aldeia considera-se uma entidade econômica e política autônoma.



Bororos (coxiponés, *araripoconés*, araés, cuiabás, coroados, porrudos, boés): vivem em Mato Grosso. Família linguística: *bororo*. O termo *bororo* significa "pátio da aldeia": as casas são dispostas de maneira circular; o pátio é o centro da aldeia e o espaço onde ocorrem seus rituais. Ao nascer, a criança recebe um nome que a identifica ao clã de sua mãe.

Kalapalos: vivem em Mato Grosso. Família linguística: *karib*. Restam apenas cerca de 400 indivíduos desse povo. Seu ideal de comportamento é chamado *ifutisu*, que remete a um conjunto de argumentos éticos, que podem ser definidos como a ausência de agressividade pública e a prática da generosidade. Os *kalapalos* acreditam que a viabilidade da sociedade depende do cumprimento desse ideal.

Kayapós (*kaiapós*, caiapós, gorotires, *mekrãgnotis*, *kuben-kran-krêns*, *kôkramôrôs*, *metyktires*, *xikrins*, *kararaôs*, *mebengokres*): vivem em Mato Grosso e no Pará. Família linguística: *jê*. Cada família tem suas próprias roças, geridas por mulheres, onde cultivam principalmente batata-doce, milho, cana-de-açúcar, bananas e mandioca.

Tapebas (tapebanos, pernas de pau): vivem no Ceará. Seu território está localizado na Região Metropolitana de Fortaleza, no município de Caucaia. A Terra Tapeba foi identificada em 1986 pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e atualmente se encontra em processo de demarcação. A afirmação da identidade étnica e a luta pela terra são fundamentais para compreender a história desse povo, que, até recentemente, não tinha o reconhecimento de sua etnia, já que a presença de povos indígenas no Ceará era negada.

2. Você pode trabalhar com os alunos, se desejar, outros modelos de aldeias indígenas. Há algumas informações no *site* <<http://pibimirim.socioambiental.org/como-vivem/casas>>.

Se possível, seria interessante uma pesquisa de imagens e fotografias das aldeias estudadas.

3. Utilize essa atividade ao falar sobre os imigrantes e sobre a escravidão. Aproveite o momento para estudar a geografia brasileira e mundial. A fim de enriquecer ainda mais o trabalho, consulte os *sites*:

- <www.labeurb.unicamp.br/elb/europeias/europeias.htm>;
- <www.ileasenibaim.com.br/lingcult/linguacult.htm>.

(b) leto

(d) iorubá

(a) pomerano

(c) talian

4. Para ampliar essa atividade, organize a sala em quatro grupos e peça a cada um deles que pesquise um dos povos; o produto final da pesquisa pode ser uma maquete. Esse é um trabalho interdisciplinar que pode envolver História, Geografia, Língua Portuguesa e Arte.



5. Reserve um tempo da aula para que os alunos que desejarem comentem sobre os personagens e digam que qualidades deles são admiráveis, com quais se identificam e por quais motivos.
6. Resposta pessoal. Professor, ajude os alunos a perceber que a menina busca trilhar seu caminho sem se esquecer dos caminhos trilhados por seus pais e valorizando e conhecendo suas origens indígenas. Releia com eles o trecho do último capítulo em que ela se orgulha do trabalho do pai; mostre que ela o mantém vivo em seu coração, valorizando tudo que ele deixou de bom e cultivando boas lembranças dele. Esse é um tema delicado, mas do qual não se pode fugir. Com cuidado, pergunte se alguém quer compartilhar sua experiência. Ouça o que eles têm a dizer e faça a mediação da conversa, deixando que relatem o que pensam e sentem sobre a morte. Se julgar viável e possível, estimule-os a escrever um texto sobre o tema (um poema, uma crônica etc.).
7. Esse tema é muito importante e deve ser bem aproveitado. Você pode propor a visita a um centro de idiomas da cidade. Pode sugerir também uma pesquisa sobre as línguas faladas na América do Sul ou ainda sobre as influências de diversas línguas em nosso idioma. Veja mais algumas sugestões: levar os alunos ao Museu da Língua Portuguesa; usar com eles a ferramenta de tradução de algum *site* da internet para que brinquem com a grafia e os sons das palavras estrangeiras; disponibilizar na sala de aula trechos de filmes e músicas sem legenda para os alunos terem a experiência de ouvir línguas diferentes. Há também a possibilidade de explorar *sites* que oferecem cursos gratuitos de diversos idiomas. Ou ainda convidar uma pessoa estrangeira, que fale uma língua pouco conhecida, para ir à escola conversar com eles. Ajude-os a perceber que a internet é uma ferramenta importante e pode ampliar seus conhecimentos.

